ISSN: 2358-8829

A ANÁLISE DA DESCONSTRUÇÃO DO DISCURSO BINÁRIO

João Marcelo Santos Beine [1]
Juliana Paula Costa Cardoso [2]
Antonio Henrique Coutelo de Moraes [3]

INTRODUÇÃO

A modernidade ocidental organizou o mundo social a partir de um sistema de classificações que, embora apresentado como universal e racional, estabeleceu divisões opostas, como homem/mulher, masculino/feminino e normal/anormal, transformando diferenças circunstanciais em hierarquias tidas como naturais.

Neste viés, essas classificações não são neutras, isto é, foram construídas no interior de projetos coloniais de poder que relacionaram raça, gênero e sexualidade como formas de classificar e controlar os corpos (LUGONES, 2014). O binarismo de gênero, sob esse ponto de vista, não é uma característica biológica que a cultura apenas reconhece, mas uma tecnologia de poder que se apresenta como evidente justamente para ocultar as condições históricas de sua formação.

Na sociedade contemporânea, esse sistema passa a exibir fissuras cada vez mais visíveis, pois circulação acelerada de imagens e discursos, favorecida pelas tecnologias midiáticas e por perspectivas pós-coloniais, feministas, *queer* e antirracistas, dá visibilidade a sujeitos que ocupam posições entre fronteiras identitárias e mostra que as categorias herdadas da modernidade não bastam para compreender a diversidade das experiências sociais (MOITA LOPES; BASTOS, 2010). Visibilidade, porém, não é vitória: os mesmos autores observam que reações essencialistas persistem diante dos movimentos que desestabilizam as divisões tradicionais das identidades (MOITA LOPES; BASTOS, 2010, p. 12).

Assim, o discurso ocupa lugar central nesse cenário. Em vez de apenas reproduzir uma realidade previamente existente, ele é uma prática por meio da qual se produzem objetos,

[1] Doutorando do Curso de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, jmsantosbeine@gmail.com;
[2] Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, juliana-paula.cardoso@edu.mt.gov.br;
[3] Professor orientador do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, antonio.moraes@ufr.edu.br;

ISSN: 2358-8829

posições de sujeito e regimes de verdade (MILLS, 2004). Logo, é nele que as identidades são construídas e legitimadas, mas também limitadas ou excluídas.

Há uma produção teórica significativa sobre performatividade, colonialidade e dissidências de gênero. Parte dela, no entanto, permanece no plano conceitual e dedica menos atenção ao modo como as classificações binárias se manifestam em produções discursivas concretas, sobretudo nos artefatos midiáticos de grande circulação, que ajudam a definir quais formas de existência podem ser vistas e reconhecidas como legítimas.

A partir dessa problemática, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como a capa da revista *POP-SE* (2019), protagonizada por Phabullo Rodrigues da Silva e por sua persona artística, Pabllo Vittar, atualiza, tensiona e reorganiza o discurso binário de gênero. São objetivos específicos: (a) identificar e descrever os recursos verbo-visuais utilizados na composição da capa; (b) organizar, em categorias analíticas, os efeitos de sentido produzidos por esses recursos em relação ao gênero e à identidade; e (c) examinar as tensões entre subversão e normatividade presentes nesse artefato.

A escolha do *corpus* considera a projeção alcançada pela artista, *drag queen*, cantora e compositora maranhense que se tornou uma das figuras de maior destaque da música *pop* brasileira na última década, e a particularidade da composição visual, que apresenta no mesmo enquadramento o sujeito civil e a persona *drag*.

O estudo se situa no campo da Linguística Aplicada crítica e adota abordagem qualitativa e interpretativista, articulando a perspectiva discursiva de base decolonial e a leitura multimodal da imagem. A análise identificou cinco categorias de sentido na capa: copresença corporal, atravessamento cromático, assimetria na exposição dos corpos, legitimação e interpelação, e dissidência mediada pelo mercado.

Os resultados indicam que a composição não elimina o binarismo de gênero; revela, antes, seu caráter construído e reorganiza suas divisões de maneira conflituosa. Portanto, a desconstrução do discurso binário ocorre menos pela substituição de categorias do que pela exposição de seus limites e contradições internas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa está inserida no campo da Linguística Aplicada em uma perspectiva crítica, área que, na modernidade recente, tem investigado como a linguagem participa da construção das desigualdades sociais e de que maneira essas desigualdades podem ser contestadas (MOITA LOPES, 2013).

ISSN: 2358-8829

Neste sentido, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativista e caráter documental. Não pretende testar hipóteses definidas antecipadamente, mas compreender e interpretar um acontecimento discursivo situado em seu contexto.

O *corpus* da pesquisa é formado pela capa da edição n. 2 da revista *POP-SE*, publicada em 2019 e disponibilizada no sítio eletrônico do periódico com o título "Pabllo é POP" (POP-SE, 2019). A escolha desse material seguiu um critério qualitativo, buscando-se uma produção de ampla circulação que reunisse, em uma única composição, a tensão entre as convenções tradicionais de gênero e uma performance identitária dissidente. Por articular elementos verbais e não verbais, como tipografia, cores, enquadramento, figurino, olhar e posição dos corpos, a capa é compreendida como texto multimodal, cuja interpretação depende da relação entre diferentes modos semióticos.

O processo de análise foi organizado em três etapas. Inicialmente, realizou-se uma descrição sistemática dos recursos verbo-visuais presentes na capa, considerando categorias da gramática do design visual, como composição, saliência, enquadramento e relação de olhar entre os participantes representados e o leitor (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Em seguida, os elementos identificados foram organizados em categorias analíticas, definidas a partir da convergência entre os recursos e da proximidade dos efeitos de sentido que produzem. Por fim, essas categorias foram interpretadas com base no referencial teórico da pesquisa, relacionando os aspectos visuais da capa a contextos discursivos mais amplos, marcados por relações coloniais, normas sociais e práticas midiáticas.

Como a investigação não envolve participantes humanos nem a coleta de dados pessoais, além de utilizar exclusivamente um material disponível ao público, ela se enquadra nas situações em que a apreciação por um Comitê de Ética em Pesquisa não é exigida, conforme o art. 1º, parágrafo único, da Resolução CNS n. 510/2016 (BRASIL, 2016). Em relação ao direito de uso da imagem, a reprodução da capa limita-se às finalidades de estudo e crítica, com a devida identificação da autoria e da origem da obra, conforme estabelece o art. 46, inciso III, da Lei n. 9.610/1998 (BRASIL, 1998).

REFERENCIAL TEÓRICO

O ponto de partida é a crise do sujeito descrita por Hall (2006) na qual o autor distingue três concepções de sujeito na modernidade: o do Iluminismo, centrado em um núcleo interior estável; o sociológico, cuja identidade se forma nas relações com os outros; e o pós-moderno, sem identidade fixa e continuamente deslocado pelos sistemas culturais que o interpelam. Entre os fatores que, segundo o autor, produziram esse descentramento estão o pensamento de

ISSN: 2358-8829

Foucault e o feminismo, o que faz de sua tipologia uma ponte para a perspectiva discursiva adotada neste trabalho.

Em Foucault, os discursos não são conjuntos de signos que representam conteúdos já existentes, mas "práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam" (FOUCAULT, 1972, p. 49 apud MILLS, 2004, p. 15, tradução nossa). Mills (2004) extrai daí uma consequência metodológica: o discurso deve ser analisado pelo que produz, seja um enunciado, um conceito ou um efeito, e não como estrutura isolada. Assim, o argumento chega ao campo das identidades com a afirmação de que os enunciados que interpelam os sujeitos, "longe de apenas designar ou descrever os objetos de que falam, os produzem" (MENDES, 2019, p. 17). Se o discurso produz seus objetos, a identidade deixa de ser o ponto de partida da análise e passa a ser o seu resultado.

A Linguística Aplicada crítica traduz essa tese para o plano da interação, pois as identidades "emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados" (MOITA LOPES, 2003, p. 8 apud ZOLIN-VESZ; NOGUEIRA, 2019, p. 136). Onde Foucault enfatiza as grandes formações discursivas, Moita Lopes (2003) olha para as práticas situadas, e é nelas que César (2004, p. 359) reconhece a identidade como um feixe de traços que coexistem e, por vezes, entram em tensão. Machado (2008) acrescenta a dimensão histórica: esses traços se constituem nas práticas sociais e na relação com o outro, e não em uma essência anterior a elas.

A interação, porém, nunca é simétrica, pois ao investigarem os estigmas dirigidos a estudantes indígenas em uma universidade pública, Zolin-Vesz e Nogueira (2019) recorrem a Silva para lembrar que "a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes" (SILVA, 2014, p. 81 apud ZOLIN-VESZ; NOGUEIRA, 2019, p. 137), uma vez que a diferença opera como sistema de classificação que separa "normais" e "anormais".

Diante disso, o próprio Moita Lopes (2003) mostra que instituições e grupos sociais legitimam algumas identidades enquanto desqualificam ou patologizam outras. Lidos em conjunto, esses autores impedem que a ênfase na construção discursiva seja confundida com liberdade de escolha: as identidades são construídas, mas em condições que não se escolhem.

Se Hall (2006) tratava o descentramento do sujeito em termos de crise de identidade, Moita Lopes e Bastos (2010) veem nessa instabilidade uma oportunidade epistemológica. Os autores propõem uma perspectiva que "procura sentido nos espaços opacos, nos meandros pouco claros, nas fronteiras em que as ideias, as pessoas e as culturas em fluxo se entrecruzam e se misturam" (MOITA LOPES; BASTOS, 2010, p. 10). Recorrem, então, a Skliar para nomear os inomináveis, sujeitos que não se enquadram nas categorias disponíveis e, por isso,

ISSN: 2358-8829

abalam os próprios sistemas de classificação (SKLIAR apud MOITA LOPES; BASTOS, 2010, p. 10).

Trata-se de um mundo dos fluxos, expressão que os autores tomam de Appadurai para designar a circulação contínua de pessoas, ideias, imagens e mensagens (MOITA LOPES; BASTOS, 2010, p. 11), e que a metáfora da cozinha, de Tolentino, traduz como existência em permanente recomposição (TOLENTINO, 2007 apud MOITA LOPES; BASTOS, 2010, p. 12-13). Os autores, contudo, não celebram ingenuamente o trânsito e advertem que reações essencialistas persistem diante dele (MOITA LOPES; BASTOS, 2010, p. 12).

No campo do gênero, Butler (2003) oferece o mecanismo que sustenta a fixidez aparente das categorias. O gênero não é atributo natural do sujeito, mas efeito da repetição de atos corporais estilizados sob normas reguladoras, repetição que, ao se cristalizar no tempo, produz a impressão de uma essência. Daí a possibilidade de subversão: se a norma depende de ser repetida, pode ser repetida de outro modo.

Butler explica como a norma se mantém; Lugones (2014) pergunta de onde ela veio. Ao relacionar o dimorfismo sexual e a heterossexualidade compulsória à estrutura colonial de poder, a autora mostra que esses modelos foram impostos aos povos colonizados, estabelecendo hierarquias entre os corpos e excluindo determinados sujeitos do reconhecimento como plenamente humanos.

Sob essa ótica, o diálogo entre as duas é produtivo: a repetição descrita por Butler tem uma história, e essa história é colonial. Na América Latina, o binarismo de gênero não é, portanto, um modelo cultural neutro, mas parte da colonialidade do poder.

A leitura de Lugones já articula gênero e raça, e Ferrari, Oliveira e Souza (2019) desdobram essa articulação no contexto brasileiro. Para os autores, gênero, sexualidade e raça operam de maneira imbricada, de modo que as experiências de sujeitos dissidentes racializados e de origem popular não podem ser compreendidas apenas pelas normas de gênero, sob o risco de tomar como universal a experiência de sujeitos brancos e de classe média.

Assim, a manutenção da masculinidade hegemônica, observam, depende da desvalorização de outras masculinidades, entre elas a negra, frequentemente depreciada e associada a características socialmente negativas (FERRARI; OLIVEIRA; SOUZA, 2019, p. 89).

O estudo de Zolin-Vesz e Nogueira (2019) confirma que marcas identitárias herdadas do período colonial seguem operando nas instituições contemporâneas. Para a análise do *corpus*, isso significa que a dissidência de gênero de Pabllo Vittar precisa ser lida em um corpo também atravessado por marcadores de raça, região e classe.

Resta compreender como subversão e permanência podem coexistir em um mesmo artefato. Mills (2004) oferece a chave ao lembrar que um texto dificilmente é constituído por um único discurso: diferentes discursos atuam simultaneamente em sua produção e entram em conflito, resultando em contradições e rupturas de sentido (MILLS, 2004, p. 89). Essa noção permite reunir as contribuições anteriores, pois a repetição deslocada de que fala Butler e a colonialidade persistente descrita por Lugones podem habitar a mesma imagem. É com base nessa articulação que se desenvolve a análise da capa da revista *POP-SE*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A capa (Figura 1) tem como fundo um azul intenso, sobre o qual se destaca o logotipo da revista, formado por contornos em neon rosa. No centro da imagem, Phabullo e Pabllo Vittar aparecem abraçados. Phabullo veste terno, chapéu e calça azuis, combinados com uma camisa rosa, enquanto Pabllo apresenta cabelos longos e loiros, maquiagem acentuada e o corpo quase desnudo, coberto apenas por uma peça rosa. Ambos olham diretamente para o leitor. Pabllo mantém os braços ao redor do tórax de Phabullo, que a envolve pela cintura e apoia uma das mãos em sua coxa. Na parte inferior da capa, uma faixa apresenta as editorias da publicação, que abrangem temas como estilo de vida, arte, cultura *pop*, moda e, por fim, polêmica.

Figura 1 – Capa da revista *POP-SE*, n. 2 (2019)



Fonte: POP-SE (2019).

A partir da descrição dos elementos verbais e visuais, foram definidas cinco categorias analíticas, sistematizadas no Quadro 1.

ISSN: 2358-8829

Quadro 1 – Categorias analíticas da capa da revista *POP-SE*

Categoria	Elementos da materialidade	Efeito de sentido	Base teórica
Copresença e continuidade corporal	Abraço recíproco; ausência de linha divisória; mesma pessoa reunida por composição fotográfica	Hibridação em lugar de oposição; identidade como trânsito	Hall (2006); Moita Lopes e Bastos (2010)
Atravessamento cromático	Blocos azul e rosa; camisa rosa sob o blazer azul; logotipo rosa sobre fundo azul	Códigos binários convocados e, ao mesmo tempo, interpenetrados	Butler (2003); Mills (2004)
Assimetria na exposição dos corpos	Corpo feminino exposto e corpo masculino vestido; mão de Phabullo sobre a coxa de Pabllo; corpo nordestino e popular sob estética sofisticada	Persistência de hierarquias coloniais de gênero, raça e classe	Lugones (2014); Ferrari, Oliveira e Souza (2019); Mills (2004)
Legitimação e interpelação	Olhar dirigido ao leitor; título "Pabllo é POP"; inscrição no circuito da cultura *pop*	Reconhecimento público da dissidência; convocação do leitor a posicionar-se	Kress e van Leeuwen (2006); Mendes (2019)
Dissidência mediada pelo mercado	Estética equilibrada e sofisticada; editoria "polêmica" no rodapé	Diferença convertida em capital simbólico e mercadológico	Zolin-Vesz e Nogueira (2019); Moita Lopes e Bastos (2010)

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A primeira categoria, copresença e continuidade corporal, refere-se ao gesto que estrutura a composição. Não há divisão central entre as figuras: o abraço as liga visualmente, e a imagem se organiza mais pela integração dos corpos do que pelo contraste entre as cores.

Há ainda um dado que não pode ser ignorado. Phabullo e Pabllo são a mesma pessoa, reunida em uma única cena por um recurso de composição fotográfica. A imagem depende, portanto, de um artifício, e é esse artifício que desestabiliza a ideia de uma identidade única e coerente. Em vez de um sujeito dividido em partes independentes, vê-se uma identidade atravessada por diferentes expressões, próxima da possibilidade, discutida por Moita Lopes e Bastos (2010, p. 11), de ocupar simultaneamente os dois lados dos binarismos, e da condição dos inomináveis, que transitam entre categorias que o sistema classificatório procura manter separadas.

Já segunda categoria, atravessamento cromático, diz respeito ao modo como as cores retomam símbolos tradicionais de gênero para, em seguida, deslocá-los. O azul do terno e do chapéu constrói formalidade e estrutura; o rosa da peça de Pabllo, suavidade e sensualidade. À primeira vista, essa distribuição reforçaria a oposição entre masculino e feminino. A camisa rosa sob o blazer azul desfaz essa leitura, pois o rosa não fica restrito a uma das figuras e passa a integrar também a vestimenta de Phabullo. O logotipo, em neon rosa sobre fundo azul, repete a combinação, de modo que a aproximação entre as cores atravessa os corpos e a própria identidade visual da publicação. À luz de Butler (2003), trata-se de um deslocamento das

ISSN: 2358-8829

normas de gênero: os códigos tradicionais permanecem, mas são combinados de tal forma que seu caráter supostamente natural se esvazia.

A terceira categoria, assimetria na exposição dos corpos, impede uma leitura exclusivamente celebratória da imagem. O abraço sugere reciprocidade, mas a persona feminina aparece com maior exposição corporal, em uma representação que enfatiza a sensualidade, enquanto Phabullo permanece vestido com um terno, associado à formalidade e à esfera pública. Sua mão sobre a coxa de Pabllo pode produzir, além disso, um efeito de posse. Esses elementos remetem a representações marcadas por relações patriarcais e coloniais, nas quais o masculino ocupa a posição de sujeito e o feminino é apresentado como corpo a ser observado (LUGONES, 2014).

Essa assimetria ganha outra espessura pela chave interseccional, pois o corpo posto em cena não é dissidente apenas quanto ao gênero: é o corpo de uma artista nordestina, de origem popular e atravessada por marcadores raciais, inserido em uma revista cujas editorias, como arquitetura, design, gastronomia e moda, se dirigem a um leitor de elevado capital cultural.

A entrada desse corpo no espaço editorial ocorre sob a condição da sofisticação estética, o que sugere que a dissidência é admitida quando traduzida em códigos de refinamento associados a outro lugar social. É o risco apontado por Ferrari, Oliveira e Souza (2019): tomar a dissidência apenas pela chave do gênero tende a universalizar uma experiência branca e de classe média, e a capa, ao suavizar as marcas de origem sob uma estética de consumo, aproxima-se dessa operação. A hipersexualização da persona feminina, por sua vez, ecoa imaginários coloniais que reduziram corpos colonizados à dimensão sexual (LUGONES, 2014). Portanto, a colonialidade não se manifesta, assim, apenas na hierarquia entre masculino e feminino, mas na articulação entre gênero, raça, região e classe que define em que termos esse corpo pode ser visto.

Assim, a capa reúne discursos que não apontam para a mesma direção. Ela tensiona as divisões tradicionais de gênero e reproduz elementos de uma ordem que hierarquiza masculino e feminino, conflito que Mills (2004, p. 89) reconhece como constitutivo dos textos e que confirma a persistência das referências binárias mesmo onde elas são desafiadas (MOITA LOPES; BASTOS, 2010, p. 12).

A quarta categoria, legitimação e interpelação, considera a relação entre os elementos verbais e o olhar das figuras. Phabullo e Pabllo encaram o leitor, configurando o que Kress e van Leeuwen (2006) denominam imagem de demanda: os participantes não se oferecem apenas à contemplação, mas exigem do observador uma resposta, seja o reconhecimento, seja a recusa da convivência entre códigos de gênero tidos como incompatíveis. O enunciado “Pabllo é

ISSN: 2358-8829

POP", título da publicação no sítio eletrônico da revista, coloca a artista no centro do circuito *mainstream*. Se os enunciados participam da produção das identidades que nomeiam (MENDES, 2019), a capa não se limita a apresentar uma identidade dissidente: ela a legitima publicamente.

A quinta categoria, dissidência mediada pelo mercado, situa a capa no contexto comercial em que circula. Equilíbrio visual, iluminação controlada e figurinos elaborados dão à imagem um aspecto planejado, adequado aos padrões editoriais. A dissidência de gênero não aparece como ruptura desordenada, mas como representação organizada para circular e ser consumida. A palavra "polêmica", listada entre as editorias no rodapé, deixa claro que a controvérsia integra a proposta da revista e que a diferença pode adquirir valor simbólico e comercial.

Assim, para Zolin-Vesz e Nogueira (2019), o reconhecimento das identidades é sempre atravessado por relações de poder. No caso da capa, a visibilidade da artista depende também de sua diferença poder ser capitalizada. Isso não anula a dimensão política da imagem; indica apenas que a resistência pode ocorrer dentro das relações de poder, e não necessariamente fora delas.

As cinco categorias mostram, em conjunto, que a capa da *POP-SE* não elimina o binarismo de gênero, mas evidencia os limites das classificações que o sustentam. Nem ruptura completa com a normatividade, nem simples reprodução: a imagem é um espaço de disputa simbólica em que resistência e manutenção das convenções coexistem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que o discurso binário de gênero, ancorado em ideias eurocêntricas e coloniais, é insuficiente para compreender as experiências identitárias contemporâneas e funciona sobretudo como forma de controle, ao estabelecer quais identidades podem ser reconhecidas como legítimas. A capa da revista *POP-SE* revelou a mídia como espaço privilegiado dessa disputa: na mesma imagem, as normas de gênero são reforçadas e deslocadas, e a dissidência é reconhecida e convertida em valor comercial.

A figura de Pabllo Vittar foi decisiva para essa discussão, pois sua performance não cabe na lógica do "isto ou aquilo". Essa posição, irredutível a uma única categoria, não representa uma falta, mas uma possibilidade de enfraquecer as classificações que sustentam o binarismo. A análise mostrou também que esse processo não é linear: a desconstrução das normas convive com a permanência de hierarquias, o que exige analisar a resistência sem idealizá-la. A leitura interseccional mostrou, ainda, que a visibilidade concedida a esse corpo

ISSN: 2358-8829

depende de sua tradução em códigos de refinamento, o que evidencia a articulação entre gênero, raça e classe na produção daquilo que pode ser visto.

No campo teórico, o trabalho reforça a importância da Linguística Aplicada crítica para compreender as identidades como construções históricas e discursivas e a aproxima dos estudos decoloniais e da análise multimodal. No campo empírico, o percurso proposto pode subsidiar práticas de letramento crítico na escola e na universidade.

Dessa forma, o estudo se limita a uma única capa e não investiga sua recepção. Pesquisas futuras poderão ampliar o *corpus*, incluindo outras capas e publicações digitais, e examinar como os leitores negociam esses sentidos. Se o discurso participa da construção dos sujeitos, cabe também ao discurso acadêmico produzir formas de compreensão que não dependam da exclusão.

Palavras-chave: Discurso; Identidades; Gênero; Decolonialidade; Linguística Aplicada crítica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 22 out. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 44-46, 24 maio 2016. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 22 out. 2026.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÉSAR, América Lúcia Silva. Resenha de: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. **Revista da ANPOLL**, n. 17, p. 357-360, jul./dez. 2004.

FERRARI, Anderson; OLIVEIRA, Danilo Araújo de; SOUZA, Marcos Lopes de. Que outros currículos e identidades se podem inventar a partir da interseccionalidade entre gênero, sexualidade e raça? *In*: RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; BRÍCIO, Vilma Nonato de; CARRERA-FERNÁNDEZ, María Vitória (org.). **Identidades**: sujeitos e espaços outros. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 81-97.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. 2. ed. London: Routledge, 2006.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

MACHADO, Maria Fátima Roberto (org.). **Diversidade sociocultural em Mato Grosso**. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.

MENDES, Sandra Karina Barbosa. As reviravoltas da cultura e a produção das identidades: quer apostar no jogo da significação? *In*: RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; BRÍCIO, Vilma Nonato de; CARRERA-FERNÁNDEZ, María Vitória (org.). **Identidades**: sujeitos e espaços outros. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 13-27.

MILLS, Sara. **Discourse**. 2. ed. London: Routledge, 2004.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral (org.). **Para além da identidade**: fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

POP-SE. Pabllo é POP. **POP-SE**, n. 2, 16 out. 2019. Disponível em: https://pop-se.com/2019/10/16/pabllo-e-pop/. Acesso em: 20 fev. 2026.

ZOLIN-VESZ, Fernando; NOGUEIRA, Viviane Braz. Índio raiz versus índio nutella: estigmas e marcas identitárias sobre estudantes indígenas de uma universidade pública no Brasil. *In*: RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; BRÍCIO, Vilma Nonato de; CARRERA-FERNÁNDEZ, María Vitória (org.). **Identidades**: sujeitos e espaços outros. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 135-141.